

SUSTENTABILIDADE

Cúpula do G8 amplia papel da academia

A Esalq/USP, de Piracicaba, está entre as 20 universidades do mundo que participam da Cúpula do G8, discutindo como levar o conhecimento ao campo

Daniel Damasceno



Professor Cerri representou a USP na cúpula das universidades

A palavra sustentabilidade ganhou dimensão de lei na cúpula das universidades do G8, que se encontrou no Japão, entre os dias 29 de maio e 1º de julho, para assinar a declaração de sustentabilidade de Sapporo. O documento demarca uma nova fase de ação da academia, pois envolveu mais de 20 universidades – duas de cada país ligado ao G8 e uma de cada país do G5 –, dentre as quais a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP).

A partir de agora, a academia sai do campo da tese e avança para a demonstração prática, em que seus próprios campi devem se apresentar como projetos sustentáveis, como exemplo de que é possível manter as atividades cotidianas sem gerar resíduos, com

técnicas, será em Torino, na Itália, com data ainda indefinida. De acordo com Cerri, a Esalq já tem vários projetos em andamento, que alcançaram resultados positivos e que devem ser intensificados. A economia de água vem sendo perseguida pela instituição desde 1998 e a economia chegou a 43%, com trabalho de conscientização sobre o consumo racional, adequação de prédios e instalação de torneiras inteligentes. O consumo de energia no complexo USP de Piracicaba, de 2001 a 2006, já caiu 23%, com o monitoramento da eletricidade e normatização, troca de lâmpadas e uso de energia solar. Para Cerri, a pressão é intensa em todo o mundo para que as instituições respondam à questão à altura de suas credenciais como fonte de conhecimento.

BIODESEL DE ALGA

Cerri acompanha um projeto de geração de energia a partir de alga marinha, desenvolvido pelo Cena. É uma fonte de biodiesel sustentável, que gera, além do óleo, proteína para ração animal e pode ser produzida em escala industrial. “A alga é um ser vivo que precisa de CO2 para viver e se reproduz com muita facilidade. Depois de retirada da água, é prensada e pelo processo de transesterificação (reação química) gera glicerina, óleo e proteína, com geração zero de lixo”, explica Cerri. No noroeste do Japão existem estudos em fase avançada com algas marinhas. De acordo com o reitor da Tokyo University of Agriculture and Technology (TUAT), Hidetume Kobatake, com a tecnologia será possível produzir 40% de todo o combustível usado no país.